

A IGREJA PARTICULAR

CRÔNICA DA VI SEMANA DE REFLEXÃO TEOLÓGICA

Jesús Hortal, S. J.

A Faculdade de Teologia Cristo Rei de 9 a 12 de outubro de 1973 promoveu mais uma vez uma Semana de Reflexão Teológica. Tratava-se de aprofundar, de algum modo, o tema do ano passado ("Missão da Igreja no Brasil"), embora dando-lhe novas conotações.

Constatamos no mundo de hoje um fenômeno, à primeira vista paradoxal. Por um lado, falamos das dimensões cósmicas da nossa sociedade. As notícias percorrem a terra em poucos segundos; as modas se impõem com rapidez fulgurante em todos os cantos do planeta; e as ideologias não conhecem fronteiras; catástrofes e guerras num obscuro e distante país despertam a solidariedade dos povos mais diversos. Poderíamos falar de uma tendência à homogeneização do cosmos.

Mas, por outra parte, nunca como hoje se sublinhou a necessidade de conservar as características próprias de um povo. A velha Europa, ao lado de uma formação supranacional, como o Mercado Comum, apresenta um claro recrudescimento dos nacionalismos e regionalismos; movimentos auto-

nomistas são hoje constatáveis desde a Escócia ao Tirol, desde o País basco até a Croácia. E na América Latina o nacionalismo (pelo menos no plano verbal) parece ser uma constante de todos os regimes. Solidariedade de um destino humano comum e afirmação das personalidades nacionais; eis os dois extremos desse aparente paradoxo.

Um fenômeno semelhante podemos constatar na Igreja. Pela primeira vez na história, um Concílio ecumênico, o Vaticano II, tentou refletir de um modo sistemático e completo sobre o ser eclesial. E, lançando o seu olhar sobre a "Esposa de Cristo", falou-nos do "mistério da Igreja": um mistério universal, não apenas no espaço, mas também no tempo. O Concílio nos fala de uma Igreja universal, na qual "todos os justos, a começar por Adão, desde o justo Abel, até o último eleito, serão finalmente congregados". Ainda mais, na "Lumen Gentium", a Igreja parece tomar dimensões cósmicas, aceitando para o momento da restauração de todas as coisas, quando "o mundo inteiro, que está unido

intimamente ao homem e por ele atinge o seu fim, será totalmente renovado em Cristo”.

Mas é precisamente do Concílio Vaticano II donde arranca a nova consideração da Igreja particular. A tomada de consciência que se encontrava no fundo das novas visões conciliares do Colégio episcopal como depositário de uma tarefa originária, ou da diocese como porção do Povo de Deus e não como território, provocou um rico despertar de experiências pastorais e litúrgicas, junto com uma afirmação das comunidades locais. A prática foi despertando problemas e dificuldades, mas foi estimulando também a reflexão: uma vez mais, o influxo mútuo entre teoria e prática, entre ortodoxia e ortopraxia se fez sentir no campo teológico. A comunidade vive as suas experiências e impulsiona o teólogo a refletir sobre elas; mas também este, por sua vez, mediante o seu conhecimento aprofundado das fontes da revelação provoca novos avanços da vida eclesial. No meio de ambos, recolhendo as riquezas que provêm da teoria e da prática, o magistério eclesiástico vai colocando os marcos desse caminhar em direção à Igreja definitiva.

Unidade na variedade, pluralismo na concórdia: eis o problema que lateja no fundo da temática que tentamos estudar e refletir ao longo da nossa VI Semana de Reflexão Teológica.

Não foi por acaso que escolhemos esse tema. Em fevereiro, a CNBB, na sua Assembléia Geral, celebrada na cidade de São Paulo, dedicou três dias de estudo e reflexão à “Igreja Particular”. O documento conclusivo, votado na forma de proposições, foi aceito apenas como

uma base para ulteriores reflexões. Por sua parte, o 2.º Plano Bienal de atividades dos organismos nacionais da CNBB prevê diversos projetos de estudos teológicos e pastorais, a serem realizados pelo Instituto Nacional de Pastoral. Dentre eles, podemos destacar o projeto 1.2.3: “Aprofundamento da teologia da Igreja particular e da figura do Bispo”.

Dentro do quarto plano de pastoral orgânica do Regional Sul III da CNBB, o desejo de construção da Igreja como comunidade tem levado a colocar a Igreja particular como centro do estudo, da reflexão e da ação pastoral das dioceses gaúchas.

Não temos nenhum mandato ou representação da CNBB — quer nacional, quer regional —, mas porque estamos engajados na Igreja do país e da região onde vivemos não podemos ignorar essa preocupação por um tema que também forma parte das nossas vidas. Ao promover essa Semana de Reflexão Teológica, a Faculdade Cristo Rei espera ter contribuído, de algum modo, dentro das suas possibilidades, para a realização desses projetos da Conferência Episcopal Brasileira.

Por outra parte, os delegados das comissões ecumênicas do mundo inteiro, reunidos em Roma durante os dias 15/22 de novembro de 1972, afirmam nas suas conclusões: “O papel ecumênico da Igreja local é importante no movimento de toda a Igreja para a unidade... É precisando a identidade e a natureza da igreja local que se colocará realmente em evidência o seu papel ecumênico próprio”.

Não é de hoje que a Faculdade de Teologia Cristo Rei está en-

gajada no movimento ecumênico. A nossa convivência, na mesma cidade, com uma Faculdade de Teologia evangélica é para nós também uma exigência de procura ardente da unidade; unidade, porém, que leva no seu próprio bojo a diversidade que a igreja particular protagoniza.

Ao longo daqueles quatro dias, percorremos um longo caminho. Perante a problemática da Igreja Particular era possível uma dupla abordagem. Ou partir de um conceito dogmático e procurar tirar dele as conseqüências; ou aproximar-nos, desde diversos ângulos, para que o nosso trabalho convergisse sobre esse conceito, a ser finalmente esclarecido. Optamos por essa segunda solução, a fim de evitarmos condicionamentos doutrinários prévios na nossa análise da realidade.

Por ser a Igreja Particular um tema da atualidade, quisemos dar inicialmente uma olhada na literatura teológica dos últimos 25 anos. O Pe. JOÃO BATISTA LIBÂNIO, S. J., professor nas faculdades de Teologia do Rio de Janeiro e de São Leopoldo, e no Instituto de Belo Horizonte, em lugar de uma análise pormenorizada dos autores preferiu apresentar uma reflexão sobre as três correntes que confluem na eclesiologia atual e que são representativas de três momentos ou aspectos da vida da Igreja: momento sócio-jurídico, com a sua tensão entre autoridade e liberdade; momento sacramental, com a sua tensão entre elemento interno e elemento externo, entre elemento significado e elemento significativo, entre "res" e "sacramentum"; momento missionário, com a sua tensão entre imanência

e transcendência. A verdade é que no fundo desses três momentos — que em maior ou menor medida percorrem toda a história da Igreja —, encontramos três antropologias subjacentes: essencialista, personalista e comunitária, respectivamente.

Como conseqüência desta primeira aproximação da igreja particular, ficavam abertos dois problemas fundamentais: o modo de encontrar um equilíbrio entre esses três momentos — todos eles essenciais para a Igreja; e a necessidade de superar as tensões sem suprimir os extremos. Daí surge a necessidade de uma busca contínua; ainda mais, de uma tensão "asimptótica", na qual a realidade e o anelo só se vão encontrar no infinito, no tempo escatológico. Que essa procura não é fácil ficou evidenciado no diálogo com o conferencista. Enquanto alguém sublinhava fortemente o aspecto sacramental (sobretudo na sua dimensão interna) e relativizava ao máximo as estruturas, outros pareciam querer salvar uma permanência encarnada no aspecto sócio-jurídico. E essa dificuldade foi ainda sublinhada pelo fato de a problemática apresentada nesta primeira palestra ter aparecido ao longo de todas as intervenções posteriores.

O Pe. ERNESTO GÖTH, professor na PUC do Rio Grande do Sul e no Instituto de Pastoral Sul III, mediante a sua análise sócio-religiosa, mostrou-nos sobretudo a tensão entre os dois primeiros momentos apresentados pelo Pe. Libânio, e dentro dos quais se pode detectar também uma tensão interna. No Cristianismo, confluem a Filosofia helenística e a Lei

judaica. A primeira educou o mundo sócio-cultural pagão para a organização e a hierarquia. A segunda educou o mundo sócio-religioso hebreu para a comunidade e o relacionamento de comunhão. Da filosofia surge a sociedade, alicerçada sobre a ordem; da Lei, que deveria ter sido entendida como sacramento da Aliança entre Deus e os homens, brota a comunidade. A história da Igreja é uma demonstração palpável do entrecruzamento desses elementos heterogêneos e das falhas que podem provir da acentuação unilateral de um deles. Numa síntese conclusiva, o conferencista apresentou a concretização das tensões históricas no momento atual. A igreja local, como comunidade, se entrecruza hoje com três elementos societários: o sistema diocesano e paróquial, a cidade, e a nação (concretamente, no nosso caso, o Brasil). No fim da palestra o Pe. GÖTH, ficava no ar a pergunta: A superação dialética ou síntese das tensões eclesiais não estará no terceiro momento apontado pelo Pe. Libânio, o momento missionário? Pelo menos para os grupos praxeológicos, essa parece ser a resposta.

Uma linguagem diferente da dos conferencistas anteriores proveio dos pastoralistas, dos homens engajados no trabalho direto de evangelização; linguagem concreta, sem preocupações doutrinárias. Mas, no fundo, parecia-nos sentir a mesma problemática: Cúria vs. paróquia? clero vs. Leigos... Os homens da pastoral (Pe. PEDRO KRAMER, Diác. CARLOS HAESBAERT, Ir. ELISA SCHMOELLER) nos diziam que a Igreja só encontrava ressonância quando se en-

gajava no dia-a-dia, quando falava dos problemas concretos da comunidade. Não será isso também um apelo para aquele terceiro momento, para o "momento missionário"? Mas, no meio da sinceridade dos painelistas, percebíamos que tampouco eles tinham uma solução perfeita, uma receita pronta para o equilíbrio almejado.

Se a análise sócio-religiosa — teórica e prática — não nos dava uma resposta definitiva, era necessário que voltássemos o nosso olhar para o passado, para as fontes da nossa Igreja: o Novo Testamento e a vida da primitiva comunidade cristã. No Novo Testamento, encontramos também uma dupla vertente, tanto no plano universal como no local: elementos fundamentais internos, que procuram ser uma resposta à proposta que é Jesus; e elementos externos, estruturais ou organizativos. Entre os elementos internos, o conferencista, Pe. BALDUINO KIPPER, S. J., professor da Faculdade Cristo Rei, distinguiu os oito seguintes: O "chamamento", o anúncio da palavra, a resposta pela fé, a comunhão eucarística, a presença de Cristo também através dos Apóstolos, a caridade fraterna, a abertura permanente para a Igreja universal e o elemento carismático. O Pe. KIPPER analisou os elementos estruturais e organizativos tanto em geral, como em particular, nas comunidades mais importantes e conhecidas: Jerusalém, Antioquia, Licaônia, Filipos, Corinto, Tessalônica, Éfeso, Roma e Creta. Da exposição do conferencista surgiu um ponto de interrogação: até onde esses elementos, sobretudo os externos, são vinculantes para as gerações posteriores? Até onde

chegava a variedade inicial? Até onde pode chegar hoje? E ficava também uma pergunta que já aparecera anteriormente: onde termina a variedade na unidade e onde começa o cisma? Por outra parte, também no Novo Testamento, a abertura missionária aparece como um elemento importante, sem o qual os grupos, fechados sobre si mesmos, deixam de ser Igreja.

Precisamente esse elemento missionário é o que impulsionou o Cristianismo à sua grande expansão: geográfica, numérica, social, política e cultural. Essa expansão foi analisada pelo Pe. JUAN VILLEGAS, S. J., Doutor em História e professor em diversos centros do Uruguai. No momento em que as comunidades isoladas sentem que, por toda a parte, através de todo o "mundo conhecido", se procuram os mesmos ideais, o elemento universalizador ganha em importância: a idéia da cristandade prevalece sobre a da comunidade particular. Contudo, essa expansão do cristianismo, essa universalização, só foi possível graças ao seu "particularismo", à sua encarnação nas culturas dos diversos povos. No nosso tempo, quando o atual momento missionário parece acentuar de novo o particularismo, podemos perguntar-nos se essa acentuação não acabará por desembocar, como outrora, numa nova cristandade, num néo-constantinismo. Pelo menos, o perigo fica apontado.

Na nossa procura da Igreja particular, quisemos escutar também uma voz que, em certo sentido, vem "de fora", de uma comunidade eclesial diferente da nossa. Para isso, convidamos o Pastor DARCI DREHMER, orientador de estudos da Faculdade de Teologia Evangé-

lica de São Leopoldo. O elemento local, não plenamente identificável neste caso com o nosso "particular", adquire um relevo especial nas igrejas derivadas da Reforma, e mais especialmente na IECLB. Mas, apesar de tudo, também aí há uma preocupação por uma união num "bloco". Também aqui se dá a perplexidade, expressa pelo conferencista ao afirmar que não temos critérios certos para dizer que esta igreja concreta seja a "congregatio sanctorum", ou quando colocava o ser eclesial na pregação reta da Palavra de Deus e na administração pura dos sacramentos, sem que exista uma instância capaz de declarar essa pureza e essa retidão. Diante das sete notas que o Pastor DARCI nos apresentou, como distintivos da Igreja, muitos se perguntavam de novo: até onde vai a diversidade legítima e onde começa o cisma?

Também no campo da fé, realiza-se a dialética entre o concreto limitado (testemunho no seio da família e da comunidade local) e o universal-ilimitado (testemunho para o mundo). O Pe. OSCAR MÜLLER, S. J., diretor espiritual e professor na Faculdade de Teologia Cristo Rei, falou-nos dessa dialética. A vivência concreta da fé e do testemunho, que a criança começa a aprender no seio da família e que vai desenvolvendo na escola, na profissão e na vida social, é orientada pela comunidade do lugar que é a Igreja particular. Nesta comunidade, a fé e o testemunho têm sua própria expressão determinada pela situação sócio-cultural da região; expressão concreta, limitada, tradicional, "encarnada", que, enquanto dá forma sensível ao conteúdo invisível

vel da fé, revelando-o, ao mesmo tempo também o "esconde". Daí o contínuo desafio, lançado aos educadores da fé, para que saibam atingir, despertar e conservar, dentro e além das formas concretas, a autêntica atitude da fé e para que essa atitude seja mantida sempre, em qualquer lugar, ambiente e situação em que a pessoa venha a se encontrar. A educação da fé como — problema dialético consiste em não suprimir nenhum dos dois extremos apontados, mas em superá-los. A discussão no plenário mostrou precisamente a dificuldade dessa superação.

Contemplando a História com olhos profanos, também aparece o problema filosófico por excelência — do uno e do múltiplo —, que foi focalizado pelo Pe. HENRIQUE C. de LIMA VAZ, S. J., professor na Universidade Federal de Minas Gerais, em palestra apresentada pelo Pe. LIBANIO. Do fundo desse problema, surge, no nosso campo de estudo, a imanência do universal (Igreja universal) no particular (Igreja particular) e a causalidade circular entre esses dois elementos. A superação total da dialética fica reservada para os tempos escatológicos. Por enquanto, aos nossos olhos, essa dialética se manifesta em dois problemas concretos — o cisma e a diferenciação teológica — e em três épocas: a tarda antigüidade como momento de superação dialética, o fim do mundo antigo com o seu monocentrismo, e os tempos modernos com a sua acentuação dos particularismos. Hoje nos encontramos numa situação paradoxal: universalização da humanidade e acentuação radical dos particularismos. A nossa

tarefa consiste precisamente na procura de uma nova síntese.

O Pe. URBANO ZILLES, professor na PUC do Rio Grande do Sul, apresentou-nos o tema da autonomia da Igreja particular em face das instituições concretas. Discorreu sobre os conceitos de autonomia e unidade do Povo de Deus. Falou da necessidade de sentir com esse Povo. Analisou a função do Bispo e dos conselhos diocesanos e apresentou-nos o diálogo como problema concreto da busca da verdade. O próprio calor da exposição do Pe. Zilles mostrou-nos as tensões que palpitam atrás da dialética Igreja universal-Igreja particular.

Após as palestras anteriores, muitos se perguntavam, no plenário pela definição da Igreja particular. O Pe. Frei HUBERT LEPARGNEUR, O. P., professor de Teologia em São Paulo, apontou para a impossibilidade de tal definição, pois no fundo da Igreja encontra-se o mistério. Mas, se não uma verdadeira definição, o conferencista mostrou-nos uma série de elementos indispensáveis para uma compreensão da Igreja particular: a necessidade histórico-antropológica de uma igreja; a sua sacramentalidade; a vinculação indissociável entre a Igreja universal e a igreja local, na pessoa do bispo; a realidade unificadora da eucaristia; a preservação da sua identidade no fluxo das necessárias adaptações aos tempos; o Espírito Santo, como elemento escatológico e vivificador; a instituição eclesial, que deve construir o Corpo Místico; a situação da igreja no mundo, em sua função missionária; a necessidade de um novo relacionamento entre auto-

ridade e ministério na igreja local. A mesma heterogeneidade desses oito elementos apontados pelo conferencista demonstra uma vez mais a inevitabilidade das tensões no seio da Igreja, não tensões destruidoras, mas vivificadoras.

A nossa VI Semana de Reflexão Teológica não pretendia ser apenas um mecanismo de informação. Como o seu próprio nome indica, aspirava a ser, fundamentalmente, reflexão. O diálogo entre todos os participantes foi essencial para o fim que pretendíamos. Se as pressuras do tempo limitaram a amplitude dos debates, isso não significa uma renúncia ao empenho e à profundidade. Aquilo que foi apresentado nas palestras não deve

ser tomado como palavra definitiva, mas tem que continuar a ser refletido, para que a Igreja de Cristo, que peregrina no Brasil, continue a avançar na construção do Reino de Deus.

Como fruto final da semana, fica a necessidade de um engajamento concreto, de um novo elã missionário entre os homens e as comunidades do nosso tempo. A Igreja particular só será plenamente Igreja na medida em que, encontrando o seu equilíbrio interno, levando a uma síntese os seus elementos conflitivos, se lance a uma atuação comprometida com os problemas e os homens do nosso tempo, a fim de lutar pela construção de um mundo novo.

N. B. As palestras da VI Semana de Reflexão Teológica serão publicadas, em breve, pelas Edições Loyola de São Paulo, dentro da Coleção TEOLOGIA — Pesquisa e Reflexão.